

NO TÚMULO DO PROFESSOR EDUARDO SARMENTO LEITE DA FONSECA

Discurso proferido pelo prof. Eliseu Paglioli

Senhores.

Designado pela Egrégia Congregação da Faculdade de Medicina desta Capital para proferir este discurso sobre o túmulo de Sarmiento Leite, no dia em que a mesma Faculdade de Medicina comemora seu meio-século de existência, aceitei incondicionalmente tão honrosa tarefa, certo de que iria cumprir com o mais elevado dever de gratidão, de respeito e de veneração à memória do homem símbolo da nossa Faculdade.

Foi tão grande a minha satisfação e foi tão alto o meu desejo de contribuir para esta homenagem que descurei a autocrítica, desaperecebendo-me da enorme responsabilidade que acabava de assumir, responsabilidade que ultrapassava em demasia os limites da minha modesta capacidade.

Quando o Prof. Paula Esteves propôs o meu nome para a realização deste ato, e os demais colegas daquela douta Congregação unanimemente o aplaudiram, eu tive bem a impressão de que o seu gesto não visava buscar um talentoso orador, mas um amigo do grande morto que pudesse dizer, mais com o espírito e com o coração, do que com palavras vãs, o significado desta homenagem. Quando Paula Esteves chamou-me de discípulo dileto de Sarmiento Leite eu recebi dentro daquela assembléia de Professores o maior elogio e o mais alto título científico, moral e afetivo de que poderia ser merecedor.

Discípulos diletos de Sarmiento Leite foram todos os seus colegas e todos os seus alunos, porque o que elle possuía em ciência, em carácter e em bondade, era fartura imensa capaz de irradiar sobre todos os espíritos bem formados. Discípulos diletos eram todos aquelles que o rodeavam e que o amavam, e também muitos daqueles que o não rodeavam e que o não amavam, porque elle amava a todos e a todos dedicava o mesmo carinho paternal de quem não conhece o ódio nem a maledicência, de quem perdoa sempre, de quem vive do amor fecundo e indestrutível como o era o que residia no seu grande coração.

Quantas vezes eu lhe auscultei o sofrimento íntimo, ditado com a serenidade con-

templativa de um justo e o sorriso confortador de uma santa resignação.

No anfiteatro de Anatomia a nossa convivência era singularmente afetiva, e o sábio Mestre sabia apreciar este afeto que emanava do seu humilde assistente, retribuindo-o com carinho paternal, ora confiando-lhe os segredos do seu sacrifício, ora manifestando-se com gracejos de alta finura, como que procurando ironizar as agruras do seu apostolado.

Os homens que o conheceram no mister de sua profissão, na cátedra de Anatomia ou na direção da Faculdade, possivelmente o interpretaram apenas como um médico, como um sábio ou como um patriota, porque a sua austeridade nem sempre permitia que transparecessem nos seus gestos a alegria que lhe era peculiar e o sentimentalismo que coroava o seu grande espírito.

Eu como tantos outros que vivíamos sob o teto daquela sábia orientação, morávamos também na intimidade daquele espírito de cleito, fonte inesgotável de sabedoria erguida sobre um carácter sem jaça numa constante irradiação de luz e amor.

A comovedora recordação daqueles dias tem sido para mim um bálsamo consolador nos embates cruéis que a vida oferece.

Numa destas últimas tardes frias de julho, quando os derradeiros raios solares iluminavam este busto de bronze, no silêncio comovedor e profundamente santo deste supulcro, vim passar instantes de afetuoso convívio com o Mestre e amigo. Cheio de uma imensa saudade, inclinei-me num gesto de veneração e respeito procurando sentir seu afeto e ouvir sua palavra. Pensei que estando a sós, eu e elle, nossas vidas e nossas almas unidas como outrora nessa intimidade da prece e da saudade pudessem falar e auferir os conselhos que em outras épocas tanto me confortaram. Que a palavra amiga do Sábio proferisse mais uma lição ao seu discípulo dileto, e o seu coração generoso trouxesse alento e conforto à dureza do meu destino. No recolhimento sentido dessa prece eu ouvi mais uma lição magistral e senti de perto seu carinho afetuoso. Lição que a palavra nunca poderá traduzir, e só o pensamento na solidão comovedora daquele

instante soube compreender e aprender, no aconchego íntimo de quem eleva uma prece.

Senhores!

Esta homenagem sentida, prece de saudade e de veneração, é extensiva a todos os mortos fundadores da nossa Escola que, ao lado de Sarmento Leite edificaram o ensino médico do Rio Grande do Sul. Homens de grande valor científico e de elevado nível moral, emprestaram o melhor para a formação médica de várias gerações do nosso Estado, sob as diretrizes do seu eminente Diretor.

O Mestre inesquecível deixou para muitos de seus discípulos o exemplo do idealismo, da bondade e da resignação. É eu, que me orgulho de também ter sido seu discípulo, procurei amparar-me nesses seus exemplos, embora certo de que nunca alcançarei aproximar-me daquela vida que foi um modelo de perfeição.

No dia em que sua amada Faculdade comemora seu cinquentenário, coube a mim a honrosa tarefa de proferir estas palavras sobre o seu túmulo. Nenhum outro mérito científico ou de qualquer outra índole poderia ter-me conferido essa honra, que não fôsse aquele que para mim significa o meu maior orgulho profissional, universitário e espiritual, qual seja o de ter sido seu discípulo dileto.

Ter sido discípulo dileto de Sarmento Leite constitui tão grande glória que eu mesmo me interrogo se não será vaidade minha ou pretensão pessoal pretender tamanha dignidade.

Mestre: se me permites que eu fale, se ouves as minhas palavras, através do espaço imenso que nos separa, faze que eu saiba dizê-las como tu as mereces. Ajuda-me a utilizar o meu ser inculto e obscuro para a luz imortal do teu espírito. Com a força sobrenatural da tua imortalidade, faze como o Nazareno, arranca-me da imperfeição e da ignorância, faze luz sobre a treva para que possa dizer a verdade sobre a tua vida, sobre os teus feitos e sobre tua morte.

Sarmento Leite, quando vivo, foi alvo de poucas homenagens, visto que êle próprio as evitava. Creio que raras vezes ouviu um discurso a êle dirigido. Depois de morto, porém, foram frequentes as homenagens e muitos os discursos proferidos à sua memória quase todos realizados por homens ilustres que souberam pôr em evidência os méritos excepcionais do grande professor.

Em 16 de maio de 1935, na Academia Nacional de Medicina o Prof. Olinto de Oliveira, conhecedor do seu velho companhei-

ro de lutas interpretou brilhantemente o amor que Sarmento Leite dedicava a sua Escola e, descrevendo os últimos dias do Mestre e amigo, assim se refere:

“Mas, o dia do seu afastamento ia chegar. E como êsses velhos cônjuges que não suportam a perda de uma antiga companheira estremecida, êle morreu logo depois que as exigências das leis e da burocracia, cegas quando desconhecem no homem o coração, o arredam daquele pôsto a que raízes profundas e uma seiva generosa lhe haviam, por assim dizer, criado um direito definitivo e inalienável”.

Em verdade foi tal o sofrimento íntimo do mestre ao ver-se exilado do seu grande ideal, tal a sua dor em sentir-se definitivamente afastado de sua Escola que bastam as palavras das disposições de sua última vontade para traduzi-lo:

“Sinto dentro de mim, não sei o que, anunciando terminar-se o têrmo de minha peregrinação por êste mundo, que jamais me compreendeu e do qual não levo saudades”.

Nestas poucas palavras Sarmento Leite traduziu a sua conformidade com os últimos dias de sua vida, o prostesto pela incompreensão dos homens, e por fim, o sofrimento íntimo que tão bem interpretou Olinto de Oliveira.

Com estas palavras concluía Sarmento Leite o seu depoimento final: “Nunca fiz mal a ninguém, a todos todo o bem possível. Generoso, benévolo para com os fracos; tolerante, firme para meus iguais, intransigente e ativo para com os fortes”.

Nessa altura Sarmento Leite sintetizou as grandes lutas mantidas com os poderosos detentores do Govêrno do Estado de então, o déspota que dominou quase 30 anos, o qual usou de todos os meios para anular seus esforços e de seus companheiros que visavam a consolidação e o prestígio de nossa Faculdade.

“*Intransigente e ativo para com os fortes*”. Diz Olinto de Oliveira: “Posso afirmar que em tempos difíceis, ameaçada por duas ou três vezes por tristes interêsses subalternos da política, teria a Faculdade sucumbido se não a amparassem o devotamento e a tenacidade de Sarmento Leite, ora arrostado à cólera dos poderosos, ora à maledicência e à calúnia dos que tramam na sombra. O que ela é hoje, é, pode-se dizer, obra daquele grande espírito cuja têmpera rija nunca deixou-se abater pela adversidade ou pelos obstáculos”.

Quem conheceu Sarmiento Leite com seu físico débil e sua extrema modéstia, certamente não poderia ajuizar o valor de sua gigantesca fôrça moral e de sua indomável vontade, empunhando a razão em defesa de sua nobre Faculdade de Medicina contra os ataques de um govêrno autoritário de então, cuja fôrça agressiva não conseguiu curvar-lhe a altivez.

Vitorioso na tremenda batalha pela sobrevivência de sua Escola, amparado pelos companheiros que ficaram fiéis a ela e, difamado pelos que se passaram para o lado oposto, o das hostes governamentais, êle prosseguiu intransigente, e altivo, certo de que a política malsã deveria finalizar um dia, mas o seu ideal edificado sôbre a justiça e o bem público, não necessitaria da fôrça armada para manter-se porque a sua fôrça possuía armas muito mais poderosas capazes de mantê-lo indefinidamente através dos séculos.

Tenho a certeza que Sarmiento Leite trouxe para êste túmulo o orgulho desta vitória e que suas últimas palavras: "Intransigente e altivo para com os poderosos" possuíam uma alta significação moral, traduzindo para todos nós a vida da própria Faculdade.

MESTRE E AMIGO!

Agora é a ti que eu me dirijo.

Eu não direi como Rubens Maciel o disse em sua sentida e inesquecível oração de despedida quando teu corpo inanimado transpunha pela última vez o vestibulo da nossa Faculdade: "Esta é a vossa última lição" — NÃO, a tua lição não terminou ainda, ela não terminará nunca. Enquanto Guerra Blesmann conduzir os destinos da tua Faculdade ela prosseguirá invencível e gloriosa. Para o futuro virão outros, mas todos comungarão num mesmo cálice o ideal que deixaste, vivo e eterno através dos tempos.

Tôdas as obras como a tua são imortais. O Cristianismo jamais claudicou mesmo sob as mais cruéis carnificinas, êle é e será eterno.

Tua vida foi a de um Apóstolo, teu coração o de um Santo, tua morte a de um Mártir e a tua Escola um ideal infinitamente superior esculpido sôbre a rocha dura com o sacrifício da tua própria vida. Os Homens que não te compreenderam em vida ouvem-te melhor, agora, depois de morto.

Mestre, a tua lição continuará para sempre, ela é eterna como eterna será a tua paz.

Discurso pronunciado pelo Docente Livre Dr. Bruno Marsiaj

Sarmiento Leite.

Os docentes livres da tua Faculdade de Medicina não poderiam deixar de estar aqui, nesta data.

O jubileu de ouro da tua escola.

Perdoa, pois, a pausa que viemos fazer no repouso desta morada.

Não era possível deixar de vir, Velho Sarmiento.

Se estivesse a olhar-nos aí por entre as frestas da tua laje verias que, apesar dos anos passados, somos os mesmos, alunos, assistentes, amigos que não te esqueceram e, acabrunhados e saudosos, correm a repetir que foste, és e continuarás a ser o roteiro de nossas vidas.

Símbolo da dedicação, do espírito de sacrifício e da renúncia.

Não cabe aqui o elogio das tuas grandes realizações. Estas são conhecidas de todos nós. Nada mais importa dizer.

Nunca é demais salientar as pequenas coisas que formavam na tua vida as expressões da personalidade simples e boa.

Sob êste aspecto as gerações mais novas não te conheceram e jamais poderão gozar

os anos passados na convivência contigo como amigo, como mestre, como colega e como diretor.

Parece ainda ver-te modestamente andando pelas ruas em direção à tua Escola, com o velho jaquetão em trepasse, marrom-escuro e surrado. Óculos escuros, calças grossas e já sem friso, sapatos sem lustro, atirando descompassadamente as pernas, cabeça olhando ao chão.

Gostavas de andar assim, simples, modesto, misturado com os tipos modestos e simples da rua.

De uma feita até, e isto contavas com satisfação e muita graça, ao desceres a rua da Alegria da velha escola ao I. O. Cruz, sito então na esquina com a Bragança, chegaram a atacar-te na tentativa de um "conto do pacote". O único gesto esboçado foi apertar de encontro ao peito, fortemente, o teu relógio, sem alterar a marcha nem a atitude costumeira.

Rias sempre ao relatar êste fato.

Ingenuidade da vida e dos homens.

Dentro daquele ser modesto e simples quanta beleza de caráter, de cultura e de alma. Quanta desligância pelos aspectos exteriores e pelos protocolos da civilização.

Foi o nosso primeiro professor de Anatomia, era especialmente aí que se manifestava com todo vigor a sua memória privilegiada.

Conhecia a todos os alunos e ex-alunos pelo nome completo, não esquecia nenhum e tinha hábito freqüente de chamá-los por todo êle.

No velho Testut refinavam-se as provas de memória. Citava o volume, a página e dizia a altura do texto e se em letras miúdas.

Nós que fomos alunos e após na docência um dos colaboradores da disciplina que ensinava, pudemos conhecê-lo melhor.

Bom e sábio.

Guardo ainda indelével um de seus últimos gestos de carinho para conosco.

Havia no Instituto Anatômico um livro seu, o Manual do Anatomista. Antigo e precioso livro, repositório de técnicas de preparações anatômicas. Aí Sarmento Leite havia aprendido os fundamentos básicos da cadeira. Montagem de salas de dissecação, preparação e conservação de cadáveres, cortes de cérebros, preparação de órgãos, etc. com anotações minuciosas à margem.

O livro precioso descobrira no armário do anfiteatro. Daí por diante vivia mais comigo

e muitas e muitas vêzes pedia-me emprestado o livro que era dêle.

Poucos dias antes da sua morte, chamou aquela figura singular que era Vitório Detânico, para que me transmitisse o último pedido de empréstimo de seu livro, que depois seria meu definitivamente.

E assim o fêz três dias após, devolvendo-me com uma carinhosa e desvanecedora dedicatória. E lá no fim, com a data, a assinatura: "O velho Sarmento".

Dias após deixava de existir.

Êste livro para mim é o mais precioso que conservo na minha biblioteca. Representa a sua presença na minha sala de trabalho, um resumo da vida do Velho Sarmento. Resumo de cultura, de dedicação, de amizade e de carinho.

Assim sempre foi para todos nós.

Não quero dizer mais nada.

Se fôr possível a vida após a morte, talvez se encontre aqui nesta paragem e neste momento Sarmento Leite e os velhos esteios da Faculdade que já se foram.

Pediríamos então a ti, Velho Sarmento, que transmitisses a êles a nossa saudade e a nossa gratidão e dize-lhes que se lá embaixo se ergue a nossa Faculdade vigorosa e ativa, as estacas de seus alicerces estão cravadas neste tôpo de colina melancólica.

Discurso proferido pelo acadêmico José Machado de Oliveira

Ao falar a Sarmento Leite, minha palavra torna-se extensível a todos aquêles que, com uma parcela de trabalho e sacrifício, colaboraram para a realização de sua grandiosa obra.

Mestre inolvidável:

Quis o destino que aquêle, considerado ainda noviço entre seus colegas, fôsse hoje, perante tua respeitável e eterna morada, o portador da mensagem que te envia o Centro Acadêmico Sarmento Leite.

Confundo-me ao escrever, porque escrever o teu nome é escrever o do nosso Centro.

No terreno da Medicina, no Rio Grande do Sul, tudo se resume nisto: o que não nasceu de tuas mãos privilegiadas, traz o teu nome no frontispício.

Da costumeira visita anual, que sempre aqui fazemos na passagem do teu aniversário, diferencia-se a de hoje pelo seu caráter. Creio não errar, afirmando que, se o jú-

bilo desta data não supera, pelo menos êle iguala ao daquela. Se naquela se rememora a passagem de tua vida, nesta comemoramos o transcurso do cinquentenário daquilo por que sacrificaste a própria vida.

Sim, festejamos hoje o cinquentenário da obra maravilhosa que o teu coração criou, tua vontade realizou e as gerações que se sucederam souberam aprimorar, conduzidas certamente pelo idealismo de que foste possuidor.

Como um hino de louvor e gratidão, os rebentos da grandiosa obra que criaste, de quando em vez marcam, com o vigor do gênio, no mundo científico nacional e internacional, páginas tão brilhantes, que doutrinas consagradas já se formaram, honrando o nome do Brasil e dignificando o da nossa Faculdade.

Entre os cientistas ilustres, cito Anes Dias, cujo desaparecimento ainda nos parece recente.

O que em valor material tem sido negado, ou tem faltado para o progresso material de tua majestosa tarefa, o valor humano tem sabido compensar.

Tua obra aí está, num desafio à fôrça implacável dos tempos e sobranceira a tudo que pretendesse apagá-la.

Seus cinqüenta anos, em cintilante trajetória, não são senão o prenúncio de uma fulgurante maturidade.

Por certo, não concederá a Providência a glória de assistirmos ao seu apogeu. Dádiva imensa, contudo, já consideramos o ato que hoje nos congrega, a fim de assinalar, para gáudio das gerações passadas, o suntuoso marco, fruto da tua luzida inteligência e extraordinária capacidade de ação.

Nasceste com o sigma da imortalidade. Não mais pertencias ao círculo limitado dos teus parentes e amigos, mas rompeste êsses limites, para te projetares na posteridade, passando a pertenceres a todos quantos passaram, passam e hão de passar pela Escola já consagrada.

Se feliz és, não menos se sentem aquêles cujo principal objetivo consiste em buscar na fonte cristalina do saber, que erigiste, os mais belos conhecimentos que o homem pode auferir: "conhecer a ciência, para usá-la no sentido de amenizar a dor alheia".

Tua matéria passou, mas teu nome e tua obra ficaram.

Hoje, aqui tens o testemunho de gratidão da mocidade, de uma geração moça que Clementino Fraga definiu como "recorte de alvorada que passa célere e quase desprestigiada, como as tintas policrômicas do romper do dia. Por isso mesmo, menos a sentimos no aprêço de seus dons efêmeros, e mais lhe servem os conselhos da experiência a outras luzes havidos e repassados".

Mestre querido.

O saber conquistado pelos que passaram pelo teu templo de sabedoria e se empregaram dignamente na redenção da dor do gênero humano, é o ramallete de flores que neste instante o nosso Centro Acadêmico deposita sobre tua derradeira morada, como preito de saudade.

Os espinhos que nêle estiverem são as agruras da vida, que, como tu, teus discípulos tiveram também de provar.

Para a tua meritória obra, fica o orgulho de uma Nação.

Para a tua partida, o lapidar pensamento de Alexandre Herculano: "Paz íntima e saudade, más saudade que não dói, não mina e consola".

Alocução proferida pelo Prof. Sarmiento Leite Filho

Dentre as solenidades comemorativas do cinqüentenário de fundação da Faculdade de Medicina de Pôrto Alegre, sobressai a romaria aos túmulos de Protásio Alves, seu primeiro diretor, e do "velho Sarmiento", como, amistosamente, o apelidavam as gerações médicas, passadas e modernas.

Esta cerimônia defronte o mausoléu do antigo Mestre, oferenda espontânea e generosa de seus colegas e amigos, traduz também a homenagem da Escola aos demais fundadores falecidos.

Aos descendentes do velho professor vosso gesto muito comove e enternece.

Na voragem do tempo, proclama a experiência diária, célere se esvai a lembrança dos mortos; nem sempre, entretanto, o fato se averba verídico. Fogem ao imperativo comum da regra veseira os que, em vida de renúncia e sacrifício, não poupando esforços em prol da coletividade, lançaram a semente

fecunda de felizes empreendimentos, de profícuas iniciativas e grandiosas realizações, pois, na frase lapidar do vate lusitano, "por obras valorosas se vão da lei da morte libertando".

Desafortunadamente, vivemos numa época de materialismo pagão, de delinqüescência moral, de egoísmo calculado e frio, em competições diuturnas, por vêzes estéreis e malsãs, por escassearem sentimentos nobres e altruísticos, na carência daquele idealismo construtivo e viril a esmaltar-se nas pugnas saudáveis e regeneradoras do espírito imortal.

Por isso, verdadeiramente digno, justo e louvável é, no transcurso da efeméride gloriosa, alheios, por instantes, às preocupações materiais e sobranceiros às misérias e sordífcies que turbilhonam pela vida em fora, rendermos o preito de reverência e de reconhecimento à "velha guarda", à memória imperecível dos venerandos Mestres de outrora.

Paradoxal, embora, a necrópole constitui a maior e melhor escola de aperfeiçoamento moral, de profundas meditações e de profícuos ensinamentos. Das lições dos mortos auferimos conhecimentos e orientação para as lições da vida. A morte a todos nivela, sem distinção alguma; pompas mundanas, gloriólas fúteis e honrarias terrenas se diluem ante este regime de perfeita igualdade; dos destroços de uma vida perdura, apenas, a lembrança abençoada dos que foram bons, dos que foram íntegros, dos que foram justos, porque de muitos a memória é excretada.

Cultuando a memória dos mortos queridos, cultivando a lembrança inapagável daquela plêiade de cruzados de uma nova era, heróicos e destemidos companheiros de Sarmiento Leite, aproveitamos as lições de civismo e de abnegação por eles legados; aprendemos, pelos exemplos de operosidade e de perseverança no cumprimento do dever que nos transmitiram, a velar pela pureza das tradições hipocráticas, cumprindo, destarte, a vontade do Patrono do Centro Acadêmico, o qual, de uma feita, assim falara: "Repetirei ser daqueles que pensam que no dia em que não puder viver sob as asas da austeridade das tradições hipocráticas, este Instituto deverá cerrar suas portas, por coerência, ao menos, com as idéias que presidiram à sua organização".

Na época, em que vivemos, frívola, egoísta e decadente, homenagens póstumas, plangentes necrológios laudatórios refletem, muitas vêzes, apenas a hipocrisia dos sobreviventes, os preconceitos e as mentiras convencionais da sociedade, na ironia causticante de Max Nordau; os que assim procedem intentam assumir atitude simpática perante os contemporâneos.

Perlustrando, entretanto, as páginas gloriosas da história da nossa Faculdade, revendo os fatos fulgurantes refertos de episódios épicos, concretos, heróicos e instrutivos, trans-

luz, iniludível, a sinceridade dos propósitos que animam aos que sem vislumbres da gelida e inexpressiva linguagem protocolar, enaltecem a benemerência e o proceder sereno, mas ativo e enérgico de seus velhos mestres.

Humílimo representante da progênie de Sarmiento Leite, cumpre-me, no dia em que a Faculdade de Medicina, no apogeu e esplendor de seu glorioso destino, celebra o jubileu de ouro de sua fundação, agradecer, profundamente sensibilizado, a nobreza de vossa atitude, cristalizando na homenagem à memória do Genitor o culto de respeito e veneração aos demais fundadores falecidos, a todos envolvendo no mesmo carinho e na mesma saudade, ao espargir sôbre as lousas sepulcrais as flores votivas e simbólicas de vosso afeto e de vossa gratidão. Em torrentes inexauríveis se expande a benevolência imensurável de vossos generosos corações.

Ao ilustre Professor Guerra Blessmann, esforçado e dinâmico Diretor da Faculdade; aos dignos professores, colegas e amigos que, com presença realçam o significado tocante desta cerimônia, fique expresso o testemunho de nosso perene reconhecimento.

Ao ilustre professor Bruno Marsiaj que, em nome dos docentes livres, pronunciou tão formosa oração; ao prezado colega, Professor Eliseu Paglioli, leal e devotado amigo de meu Pai e seu discípulo dileto, e que, em nome dos senhores catedráticos, proferiu brilhante preleção sôbre a vida e a obra de Sarmiento Leite, um amistoso amplexo, com a afirmativa e a certeza de que insolvável será a dívida de nossa imorredoura gratidão.

Ao nobre intérprete do Centro Acadêmico "Sarmiento Leite", vanguardeiro nas homenagens a seu Patrono e a elas sempre se associando, e que, em palavras unidas de tanto afeto e reverência, bem exteriorizou os sentimentos de seus colegas, consigne-se o penhor de nosso cordial agradecimento.